

Áreas de lazer

# CIDADE ABERTA

AJ00575

PEDRO MAIA

Instituto Jones dos Santos Neves  
Biblioteca



## É preciso cuidar dos parques da cidade

**N**essas últimas semanas, muitas têm sido as reclamações divulgadas pela mídia contra o descaso da municipalidade para com os parques de Vitória, que foram criados, e divulgados, como áreas verdes exclusivas para lazer dos capixabas, mas acabaram se tornando passarelas da bandidagem e esconderijos perfeitos para tráfico e consumo de drogas.

Pelo menos é o que acontece com o Parque da Gruta da Onça, no Centro, e com o Parque do Horto Municipal, em Maruípe. Ambos se destinavam a preservar a natureza, protegendo o que restou da fauna e da flora onde antes reinava, exuberante, a Mata Atlântica.

Porém, o que se vê por lá são monturos de lixo e nenhum cuidado com a segurança daqueles que se arriscam a visitá-los. O que é altamente lamentável.

Já o velho e tradicional Parque Moscoso, que completa um século ano que vem, continua sobrevivendo a duras penas. Durante o dia é um dos poucos logradouros públicos onde o cidadão ainda pode ter algumas horas de lazer, sem risco de ser assaltado ou agredido.

Isso se estiver no interior do parque que, desde os anos 80, é protegido por muros gradeados e conta com razoável número de guardas municipais.

Mesmo assim, ao cair da noite, quando seus portões são fechados, seu entorno se transforma numa zorra total, onde a prostituição campeia.

Bem, mas a coisa não foi sempre assim, muito embora a proximidade da região portuária, do mercado da Vila Rubim e por ser caminho obrigatório dos malandros que iam e vinham da zona boêmia, então situada na Volta de Caratoira, colaborassem de maneira direta para o entorno do velho parque ser local onde, de vez em quando, o couro comia solto.

Em meados da década de 40, ficou célebre um confronto ocorrido entre soldados do Exército (os "periquitos", devido às fardas verdes) e marujos da Marinha de Guerra (os "frangos d'água" ou "patoris", como eram tratados naqueles tempos).

Por mais de duas horas eles se enfrentaram numa incrível porradaria, só apaziguada quando patrulhas do próprio Exército e da Marinha apareceram para conter os ânimos.

O quartel da Polícia Militar ficava ao lado do parque, onde hoje é a praça Misael Pena, mas o comando da corporação achou por bem não se envolver no episódio, pois eram tempos de guerra e eles, que eram brancos, que se entendessem.

Durante os anos 50 e 60, antes das grades, o velho Moscoso foi frequentado por algumas figuras curiosas, até prosaicas a exemplo do saudoso Simão, "o homem que tocava violão", como mesmo se apresentava.

Irmão do não menos saudoso Adalberto Simão Nader, um dos políticos de maior expressão da história do Espírito Santo, Simão estava sempre com seu inseparável violão debaixo do braço, pronto para as serenatas que, pelas madrugadas, aconteciam nos bancos do parque.

Por ali, nas calçadas dos extintos Dominó, Drink e Bar do Caranguejo, outras figuras marcaram época, como Dunga da Lagoa, paquerador inveterado das meninas que estudavam no Colégio Americano; Antonio Luiz Garrafa, cujo apelido deixa clara sua predileção; Bolão, que mais tarde seria juiz de Direito; Siroco; e Salomão, cuja mãe o buscava na marra para aulas de violino, que ele detestava.

E muito mais gente que se destacaria nos segmentos políticos, sociais e econômicos do Estado. Que os capixabas e a municipalidade saibam cuidar do velho Moscoso, e dos demais parques de Vitória, com o carinho que eles merecem.



**Que os capixabas saibam cuidar do velho Moscoso, e dos demais parques de Vitória, com o carinho que eles merecem**